



XVII Encontro de Extensão Universitária da Universidade Federal de Campina Grande.  
*Extensão Universitária, Arte e Cultura: desafios e caminhos possíveis para indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão.* De 11 a 19 de março de 2024.  
Campina Grande, Patos, Sousa, Pombal, Cuité, Sumé e Cajazeiras, PB – Brasil.

## **GÊNEROS TEXTUAIS E DIGITAIS NA SALA DE AULA: LEITURA E ESCRITA CRIATIVAS**

*Dalvan Ferreira da Silva<sup>1</sup>, Walberto Barbosa da Silva<sup>2</sup>, Mônica Martins Negreiros<sup>3</sup>, Valéria Andrade<sup>4</sup>*  
*monica.martins@professor.ufcg.edu.br e walberto.barbosa@professor.ufcg.edu.br*

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é expor as vivências ocorridas durante a execução do projeto de extensão em duas escolas públicas de ensino Fundamental II, na cidade de Sumé-PB, no cariri paraibano. O projeto de extensão “Leitura e escrita na escola: práticas inovadoras de linguagem” teve como objetivo geral estimular a leitura e escrita dos estudantes, já que ambas são atividades de linguagem que circundam o cotidiano e são essenciais para o aprendizado da língua materna e para aquisição de habilidades específicas. Para a concretização desse objeto alvo, buscamos apresentar gêneros textuais para os discentes de forma a estimular o interesse pela leitura, e contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa. Para tanto, utilizamos o formato de oficinas para uma melhor interação e motivação ao longo das atividades. Também contemplamos os gêneros digitais durante a vigência do projeto, pois, na sociedade contemporânea, é necessário que os jovens percebam como a leitura e o ato da escrita estão presentes também em outros ambientes e suportes, para além da sala de aula e da escola.

**Palavras-chaves:** *Leitura e Escrita, Gêneros textuais, Gêneros digitais, Oficinas.*

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, UFCG, Campus Sumé, PB. Brasil.

<sup>2</sup> Orientador, Professor Dr., UFCG, Campus Sumé, PB. Brasil.

<sup>3</sup> Coordenadora, Professora Dra., UFCG, Campus Sumé, PB. Brasil.

<sup>4</sup> Colaboradora, Professora Dra., UFCG, Campus Sumé, PB. Brasil.

## 1. Introdução

Este projeto objetivou inovar as práticas de leitura e de escrita realizadas na escola, através da experimentação de ferramentas tecnológicas, ambientes virtuais, e gêneros digitais, além dos gêneros textuais comumente trabalhados em sala de aula.

O incentivo primordial para a fundamentação deste projeto de extensão não é outro senão os números alarmantes do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) durante o ano de 2022, na Paraíba, que apontam o fluxo de aprendizado dos alunos em 4,9 para estudantes dos anos iniciais (1º ao 5º ano); 3,8 nos anos finais (6º ao 9º ano); e 3,6 para o Ensino Médio[1]. É notória uma discrepância no aprendizado dos jovens ao longo de sua formação na educação básica. Certamente existe uma desmotivação no interesse do adolescente pelos estudos. Parafraseando CHARLOT(2013): [2] fracassa o aluno que não estuda, mas fracassa também o aluno que desenvolve na escola uma atividade outra que não aquela que representa a escola. Por vezes, o ambiente escolar é desanimador para os jovens, constantemente sendo regrados e ensinados a desenvolverem habilidades conforme o que é solicitado pelo professor, nunca havendo espaço para o aluno pensar fora da “caixa”.

Diante desse quadro, pesquisadores e estudiosos da área, dentre eles, Antunes (2007), [3]; Casseb-Galvão e Neves (2017), [4]; Chiappini (2001), [5]; Cosson (2016), [6]; Dionísio, Machado e Bezerra (2002), [7]; Elias (2011), [8]; Fávero e Andrade (2007), [9]; Koch e Elias (2012), [10]; Marcuschi e Xavier (2004, 2005), [11]; Marcuschi (2008), [12]; Rojo (2001/2004), [13]; Rojo e Barbosa (2015), [14]; Rojo e Moura (2012), [15], apontam para o uso e criação de novas estratégias metodológicas no trabalho com a leitura e a escrita em sala de aula, destacando a importância da utilização dos gêneros textuais e digitais de forma contextualizada e criativa, a fim de proporcionar ao aluno um trabalho significativo nessa área.

Outro ponto essencial da fundamentação deste trabalho é que o gênero textual permeia as mais diversas camadas sociais, desde a experimentação de escrever um poema ou redação no caderno, ou criar uma publicação nas redes sociais. É importante ressaltar que com os avanços tecnológicos dos meios de comunicação, até mesmo uma imagem pode ser considerada um gênero textual de natureza digital.

Desta forma, o projeto de extensão surge como uma estratégia pedagógica alternativa para explorar os gêneros textuais na escola, proporcionando uma maior interação e interesse dos estudantes para o exercício das práticas de linguagem. Em linhas gerais, o projeto também contemplou os gêneros digitais, permitindo que os alunos também pudessem exercitar a escrita usando ferramentas tecnológicas. Ao longo das atividades do projeto também realizamos oficinas fora de sala de aula, bem como visitas a campo. Os alunos puderam visitar a biblioteca do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido - CDSA, campus de Sumé. Também utilizamos o espaço dos laboratórios de informática do CDSA, para realização de oficinas sobre gênero digital, de forma que foram proporcionados momentos para os

discentes exercitarem a escrita em formato digital por meio de computadores.

## 2. Metodologia

Como caminho metodológico, utilizamos a metodologia da dialogicidade preconizada por FREIRE (1979) [16], segundo a qual, “quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com o seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias”.

Em algumas etapas recorremos, também, às estratégias da Pesquisa-Ação, estabelecidas por THIOLENT (2009) [17], pelo fato de nossa proposta extensionista estar fundamentada no desenvolvimento de ações em parceria com os demais sujeitos envolvidos (aluno de graduação, discentes e professores do Ensino Fundamental). É importante salientar que a Pesquisa-Ação “é uma estratégia metodológica da pesquisa social na qual há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada” (THIOLENT, 2009, p. 18). Acreditamos, portanto, que esse procedimento possibilitou uma maior aproximação com o problema a ser superado. Para isto, houve a necessidade de se definir precisamente a ação e os agentes envolvidos, observando os objetivos a serem alcançados e os desafios a serem superados na busca por tais objetivos.

Ainda como percurso metodológico, optamos por dividir as oficinas em um único gênero textual a cada mês. Para a preparação do bolsista extensionista, separamos cada oficina em 3 fases, assim tendo uma melhor adequação para execução.

Na primeira fase, foram realizadas reuniões quinzenais para uma orientação do discente extensionista, juntamente à coordenadora e ao professor colaborador. Durante a reunião colocamos em discussão que tipo de gênero textual seria interessante para alunos do ensino fundamental II, e quais materiais poderíamos apresentar para eles.

Na segunda fase, o discente extensionista procurava textos e informações para agregar ao conhecimento sobre determinado gênero textual ou digital. Ademais, também eram produzidos slides com a ferramenta digital canva, para chamar atenção dos estudantes. De antemão, dialogamos com a coordenação das escolas para termos acesso a notebook, datashow, impressões e outros materiais didáticos necessários para as oficinas.

Na terceira fase, colocamos em prática a execução da oficina de gênero textual ou digital. De forma antecipada, buscamos conversar com os estudantes sobre seus conhecimentos prévios. É oportuno considerar que Paulo Freire, em uma de suas obras, afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (FREIRE, 1989, p. 9) [18]. Convém destacar a importância deste diálogo inicial, pois não tem sentido apresentar um determinado tema para o aluno se ele sequer consegue relacionar o gênero textual com o contexto em que está inserido.

### 3. Resultados e Discussões

Durante a vigência do projeto, nosso público-alvo foi formado por estudantes do ensino fundamental II de duas escolas da rede municipal da cidade de Sumé-PB, a saber: Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Vargas, e Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Paulo Roberto de Oliveira. Abrangemos alunos do 6º ao 9º ano e alunos do EDUCARE, que são divididos em turmas de 1º ciclo (6º/7º ano) e 2º ciclo (8º/9º). As turmas de EDUCARE demandaram uma atenção a mais, principalmente, por serem constituídas, exclusivamente, de alunos com histórico de repetência escolar, ou fora da faixa etária. Cada escola apresentou uma quantidade razoável de alunos matriculados, tendo uma média de 20 alunos por turma, totalizando 350 alunos nas 17 turmas, sendo 12 turmas diurnas e 5 turmas no turno vespertino, além do mais, o projeto também englobou os 4 professores de língua portuguesa de ambas instituições escolares.

Conforme mencionado anteriormente, utilizamos de forma prévia nas oficinas o método freiriano para dialogar com os estudantes, para, assim, podermos intercalar a leitura prévia de cada estudante sobre o tema, fazendo com que ele pudesse explorar todas as dimensões possíveis de seu senso crítico do mundo a sua volta. Dessa forma, foi possível socializar as vivências dos próprios estudantes e professores no processo de aprendizagem do gênero textual ou digital. Na tabela a seguir é possível observar como dividimos as oficinas e as atividades que foram desenvolvidas com os alunos.

Tabela I – Oficinas e Atividades

Oficinas	Atividades
I - Gênero textual lenda.	Exposição do tema. Socialização de conhecimentos acerca do tema. Leitura compartilhada. Produção artística e textual sobre lendas. Socialização das produções dos alunos.
II - Gênero textual Histórias em Quadrinhos (HQ 's).	Exposição do tema. Socialização de conhecimentos acerca do tema. Leitura compartilhada. Produção artística das HQ' s. Socialização das produções.
III - Gêneros Digitais	Visita ao laboratório de informática e exposição do tema sobre os gêneros digitais: fanfiction e meme. Produção individual de memes, fanfictions,

	utilizando os computadores. Socialização das produções.
IV - Gênero textual conto e miniconto	Exposição do tema. Socialização de conhecimentos acerca do tema. Leitura compartilhada. Produção individual de minicontos. Socialização das produções.
V - Novembro Negro	Exposição do tema. Socialização de conhecimentos acerca do tema. Produção coletiva em cartolinas. Socialização das produções.

**Oficina I** - Exposição do gênero lenda - Nesta oficina objetivamos atender a demanda das duas escolas acerca do dia do folclore brasileiro. Sendo assim, fizemos uma exposição sobre o gênero textual lenda, bem como dialogamos com os alunos, buscando entender os seus conhecimentos prévios acerca do assunto. Como muitos estudantes fazem parte da zona rural, a grande maioria conhecia a lenda da Comadre “Fulorzinha”. A parte interessante da socialização sobre as lendas foi a informação de que os pais dos alunos, que caçavam pelas matas da região, faziam oferendas à Comadre Florzinha para não serem perturbados por ela durante a caçada. Fizemos leitura compartilhada de textos que foram impressos pelo bolsista extensionista, com o auxílio da coordenação das escolas. Por fim, nesta oficina pudemos produzir a escrita de diversas lendas, incluindo lendas de autoria própria dos alunos. As produções desta oficina foram socializadas no mural das escolas, durante o dia do folclore brasileiro, realizado no dia 22 de agosto de 2023.

**Oficina II** - Gênero Textual HQ's - Para a realização desta oficina contamos com o apoio das escolas para utilização de notebook e datashow. Através dos slides pudemos explorar o grande aspecto predominante das histórias em quadrinhos: o lado visual. Conseguimos trabalhar com clareza, os balões, as onomatopeias e diversos elementos que constituem uma HQ. Também tivemos um momento de socialização no qual foi possível dialogar sobre o tipo de material que os alunos liam sobre esse gênero textual, e também se os mesmos desenhavam HQ's. Essa foi a oficina com melhor interação entre os discentes, todas as turmas mostraram-se leitoras desse gênero textual, presente nos meios físicos e digitais. Realizamos a leitura compartilhada de uma HQ em sala de aula. Ao final, conseguimos produções de pequenas histórias em quadrinhos, que foram socializadas entre os estudantes de cada turma, sem exposição no mural desta vez.

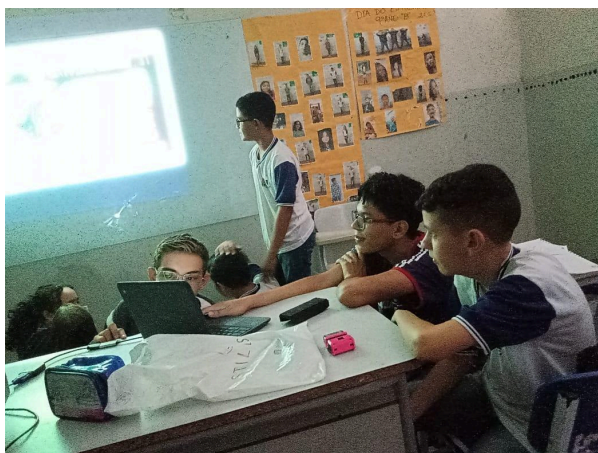


Figura 1 - Leitura compartilhada das HQ's.



Figura 3 - Visita à Biblioteca



Figura 2 - Apresentação das Histórias em Quadrinhos



Figura 4 - Turmas de 8º e 9º- Visita à Biblioteca do CDSA

**Oficinas III - Gêneros Digitais** - Durante a execução desta oficina, contamos com o apoio da prefeitura de Sumé para disponibilização de transporte, o que possibilitou a locomoção dos estudantes até o campus do CDSA/UFCG. Por questões logísticas de espaço, o laboratório de informática não tinha capacidade para agregar mais do que 22 alunos, então, dividimos por turmas. Levamos a princípio as turmas de 8º e 9º para a visita de campo, enquanto uma turma participava da oficina no laboratório, a outra turma permanecia na biblioteca, para explorar o acervo do campus de Sumé, e ler algum livro que chamasse atenção. Na oficina de gêneros digitais expusemos as características dos gêneros fanfiction e meme, e foi possível socializar as experiências dos alunos com ferramentas tecnológicas. O que mais chamou atenção nessa oficina foi o fato de os alunos passarem a refletir sobre novos usos nas plataformas de mídias digitais, e também o fato de ser o primeiro contato da grande maioria com um computador. A proposta de produção desta vez foi a elaboração de contos individuais ou em duplas através dos computadores, além dos outros gêneros já citados (fanfiction e meme). Para a socialização das produções, a proposta inicial seria colocar os contos em uma plataforma de livros digitais, o Wattpad. Como a maioria dos alunos não foi favorável à ideia, optamos por socializar em anonimato os contos entre os colegas de turma.

**Oficina IV - Contos e Minicontos** - O real foco desta oficina foi a produção de minicontos, e, para um melhor aproveitamento de conteúdo resolvemos explorar as dimensões do conto e como esse gênero se distancia do miniconto. Embora o miniconto não seja considerado um gênero textual de fato, o mesmo contempla em alguns aspectos os gêneros digitais, já que o miniconto surgiu na internet. O objetivo desta oficina foi explorar o senso crítico e a imaginação dos alunos durante a leitura compartilhada, uma vez que o miniconto se trata de uma história vaga que abre margem para diversas análises e (re)interpretações. Fizemos produções de minicontos e a socialização em anonimato dos textos produzidos. Curiosamente, muitos alunos deram um retorno positivo acerca do tema da oficina, alguns se empolgaram tanto com a produção que resolveram criar mais de um miniconto. O aspecto positivo dessa oficina foi principalmente a elaboração de textos de autoria própria dos estudantes, de forma que muitos resolveram expressar seus sentimentos ou transcrever acontecimentos de suas vidas.



Figura 5 - Oficina sobre miniconto

**Oficina V - Novembro Negro -** Nesta oficina não apresentamos nenhum gênero textual em específico. Devido ao fim do semestre letivo, o tempo para realização de atividades do projeto estava curto e devíamos nos adequar às necessidades da escola, então, para não desviar do conteúdo programado, optamos por desenvolver atividade em torno do eixo de leitura, que estava no cronograma dos professores. Como a única temática neste eixo era voltada para o dia da consciência negra, preparamos contos, poemas e outros gêneros textuais a respeito da temática, e realizamos uma oficina através da socialização e compartilhamento da experiência dos alunos e professores, até porque, majoritariamente, os alunos eram/tinham traços afrodescendentes. Como sempre, utilizamos a leitura compartilhada com os alunos, e pudemos explorar o senso crítico por meio da socialização das interpretações que os discentes tiveram ao ler o texto. Conseguimos explorar bem as dimensões reflexiva e crítica presentes nos textos. Como proposta de produção, decidimos explorar o lado artístico dos estudantes. Com isso, eles prepararam em cartolinas desenhos artísticos, como forma de expressão para o novembro negro, e, alguns, ousaram criar poemas, como forma de crítica ao racismo.



Figura 6 - Produção em grupo do 8º ano

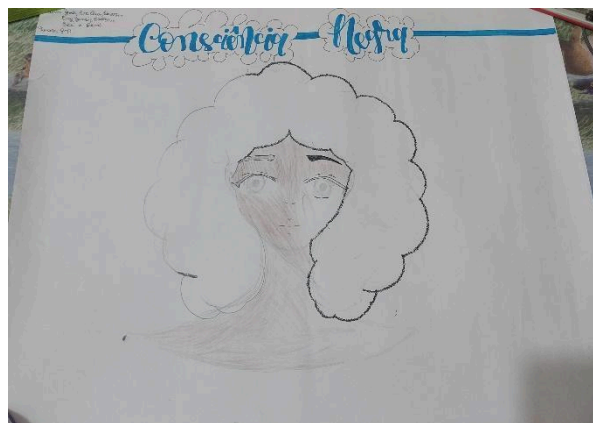


Figura 7 - Produção em grupo do 9º ano

**Atividade extra -** Realizamos ainda, conforme solicitação de uma escola parceira do projeto, reforço com os estudantes que apresentavam baixo nível de leitura. Dos mais de 200 alunos da escola, 24 alunos eram leitores pré-silábicos ou silábicos. Embora houvesse alunos com níveis baixos de leitura, a situação deles era de leitores alfabéticos, portanto, resolvemos atender aos alunos com níveis mais baixos. Alguns destes alunos apresentavam uma dificuldade excepcional quando comparada com outros colegas do mesmo nível, eventualmente, a escola nos informou se tratar de casos de dislexia e um caso de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), todos esses alunos foram diagnosticados por profissionais da saúde.

Ao longo do projeto nos reunimos semanalmente em um ambiente com espaço apropriado, dentro da escola, atendendo a pequenas demandas de alunos a cada 1 hora, não ultrapassando 4 alunos por vez a serem atendidos. Assim, conseguimos dar a devida atenção a cada aluno. Foi possível aprender através de jogos, alfabeto móvel e outros instrumentos pedagógicos que havia na escola. Outra estratégia utilizada foi gamificar a leitura dos estudantes, ao passo que, quando eles conseguissem ler, seriam recompensados de alguma forma com um pequeno presente escolhido pelo bolsista extensionista.

Não conseguimos reverter o quadro destes alunos ao ponto de torná-los leitores proficientes, mas obtivemos um progresso significativo. Inclusive, posteriormente, a escola constatou que muitos alunos conseguiram avançar em seus níveis de leitura, alguns até tornaram-se leitores alfabéticos. Obviamente, os méritos não são exclusivamente do projeto, uma vez que a escola e, principalmente, os alunos, se esforçaram para conseguir essa melhoria.

Essas atividades de extensão também foram importantes para o bolsista extensionista por se tratar de um projeto de natureza docente, que agrega bastante como experiência pedagógica, além de ser o primeiro contato do graduando com uma sala de aula. As ações extensionistas beneficiaram ainda os alunos das escolas contempladas pelo projeto, assim como a comunidade de Sumé. Dos 350 estudantes que faziam parte das escolas, a grande maioria possuía dificuldade na leitura, e/ou uma parcela dos estudantes era apontada como leitores silábicos, o que é alarmante, pois se os alunos não conseguem ler, torna-se muito difícil a

aprendizagem de outros conteúdos, ou disciplinas, sendo que, até mesmo a matemática, exige um certo nível de leitura do aluno.

#### 4. Conclusão

O objetivo do nosso trabalho ao longo da vigência deste projeto foi estimular a leitura e escrita dos alunos, expondo e contemplando os gêneros textuais e digitais para além do que se tem proposto nos livros didáticos. Vale ressaltar que uma vez que se tenha contato com a leitura, o indivíduo pode transformar o ato de ler em aprendizado e o aprendizado como uma experiência para além do mundo literário. A professora Sonia Kramer (2000), [19] aponta que a contemporaneidade se caracteriza pelo tempo abreviado. Falta de tempo. Falta de tempo para ler e escrever. Falta de contato com textos e contextos que incentivem a leitura como experiência (KRAMER, 2000, p. 20).

Como principais resultados alcançados, podemos destacar, no contexto geral, um maior interesse e envolvimento por parte dos discentes nas aulas de leitura e produção textual, assiduidade e participação nas oficinas, isso quando comparado com as aulas normais que observamos ao longo do projeto. Outro ganho que podemos considerar significativo foi o engajamento dos professores nas atividades propostas, a troca de saberes e conhecimentos. E o fato também de termos conseguido criar um ambiente receptivo em sala, confortável o bastante para os alunos socializarem seus conhecimentos e experiências sem haver constrangimentos. Somado a isto, conseguimos perceber o empenho e em alguns momentos a empolgação por parte dos alunos durante o trabalho com os gêneros textuais/digitais, principalmente, com as histórias em quadrinhos.

Vale ressaltar ainda que os alunos com baixos níveis de leitura apresentaram um avanço ao longo das atividades realizadas nos momentos de reforço. Um aspecto notadamente positivo é que durante estas atividades o bolsista extensionista entregava Gibis e outros textos em formato de HQs, para os alunos poderem ler em casa, e, no retorno desses alunos para o reforço, foi perceptível que os mesmos estavam lendo as historinhas, pois, ao final do projeto, retiramos a premiação da gamificação, e ainda assim muitos alunos continuaram suas leituras semanais.

Convém considerar ainda que é importante mostrar ao aluno as funções sociais dessas atividades de linguagem (leitura e escrita), que permeiam o mundo à nossa volta, o cotidiano, as interações humanas, bem como evidenciar a necessidade de aquisição e domínio dessas práticas como instrumento de cidadania e de mobilidade social.

Por fim, é importante acrescentarmos que uma educação de qualidade é um direito de todos segundo a agenda dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), no Brasil, para o ano de 2030, que em seu 4º objetivo tem como meta “assegurar uma educação inclusiva e equitativa de qualidade para todos, promovendo assim oportunidades de aprendizados a todos ao longo de suas vidas” [20]. Deixamos em destaque também um ponto importante da nossa Constituição Federal que, de acordo com o seu artigo

205, [21] afirma ser a educação “direito de todos e dever do Estado e da família, sendo promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

#### 5. Referências

- [1] INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Nota técnica: índice de desenvolvimento da educação básica-Ideb. Brasília, 2021. Disponível em: [https://gedu.org.br/brasil/ideb/estados?ciclo\\_id=EM&dependencia\\_id=5&ano=2021&order=nome&by=asc](https://gedu.org.br/brasil/ideb/estados?ciclo_id=EM&dependencia_id=5&ano=2021&order=nome&by=asc). Acesso em: fev. 2024.
- [2] CHARLOT, Bernard. **Da relação do saber às práticas educativas**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2013
- [3] ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- [4] CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria Helena de Moura. (Orgs.) **O todo da língua: teoria e prática do ensino de português**. 1 ed.- São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- [5] CHIAPPINI, Ligia (Coord. Geral). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- [6] COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.
- [7] DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel et. al. **Gêneros textuais & ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- [8] ELIAS, Vanda Maria (org.). **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.
- [9] FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O; AQUINO, Zilda Gbaspar de Oliveira. **Oralidade e Escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 6o ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- [10] KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- [11] MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (Org). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- [12] MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo; Parábola Editorial, 2008.
- [13] ROJO, R. H. R. (Org.); CORDEIRO, G. S. (Org.); SCHNEUWLY, B. (Org.); DOLZ, J. (Org.). **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Tradução de trabalhos de Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e colaboradores. Campinas: Mercado de Letras, 2004. v. 1. 278 p.
- [14] ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline M. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- [15] ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- [16] FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

- [17] THIOLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 17. ed. São Paulo/SP: Cortez, 2009.
- [18] FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- [19] KRAMER, Sonia. Leitura e escrita como experiência: seu papel na formação de sujeitos sociais. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 6, n. 31, p. 18-27, jan. 2000.
- [20] AGENDA 2030. (2015). ODS – Objetivos de desenvolvimento sustentável. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>. Acesso em: fev. 2024.
- [21] BRASIL. Planalto. Constituição federal. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: fev. 2024

### ***Agradecimentos***

Agradecemos aos diretores e professores das escolas municipais de Sumé-PB: Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Paulo Roberto de Oliveira e Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Vargas pela recepção, pelo suporte e colaboração no desenvolvimento das atividades.

À UFCG pela concessão de bolsa por meio da Chamada PROPEX 003/2023 PROBEX/UFCG.